

## P<sub>3</sub> REDES

levantamento de campo e  
diagramas vetoriais



# CAMPO LIMPO

CARTOGRAFIA DAS TERRITORIALIDADES CULTURAIS

3

**P3 REDES**

---

**13-09-2016**



---

# ÍNDICE

**3**

## **INTRODUÇÃO**

**4** metodologia de pesquisa

**35**

## **CONSIDERAÇÕES GERAIS E APONTAMENTOS PARA A SEQUÊN- CIA DA PESQUISA**

**7**

## **DESCRIÇÃO DAS VISITAS DE CAMPO**

**7** festa julina chico city

**7** sarau da ponte pra cá

**8** festival percurso

**9** inauguração ateliê  
cendira

**11** aniversário de 6 anos do  
maracatu ouro do congo

**11** quebrada de coco com  
grupo candearte e baque  
atitude

**12** quilombo cultural ybira  
samba

**14** sarau do binho

**15** CIEJA campo limpo

**16** vivendo e convivendo  
com povos: os indígenas -  
CIEJA campo limpo

**17**

## **REDES**

**17** breve digressão

**18** fluxo e rede

**21** espaços, eventos,  
coletivos

**22** diagrama de redes

**24** noções de arte e cultura

**28** discursos sobre  
território e apropriação da  
paisagem

**39**

## **EQUIPE ESCOLA DA CIDADE**

**38**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



---

# INTRODUÇÃO

O presente relatório corresponde à etapa **Levantamento de Campo e Diagramas Vetoriais** (item I.A.III) dos Serviços de Pesquisa – Intervenção Educativa do contrato Elaboração de Projeto Arquitetônico da Unidade do Sesc Campo Limpo (contrato Nº 12.511), firmado entre a Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo e o Serviço Social do Comércio (Sesc).

Como já descrito no **PLANO DE TRABALHO - P1** (mar./2016), esta etapa foi nomeada REDES. **Rede** é trama de ligações e passagens que conecta e articula, vincula e relaciona espaços e tempos, extensão e intensidade. Primeiramente referida por Latour (1994), a modos de interligação de elementos heterogêneos (científicos e técnicos, políticos e culturais, materiais e discursivos), que fazem proliferar híbridos, **rede é meio de transporte e tradução**: “mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade”.

Aqui, para os fins desta pesquisa, rede é meio de transporte e tradução das e entre as diversas atividades criativas culturais coletivas que se possam flagrar no território de influência da nova unidade do SESC Campo Limpo. A partir do trabalho de levantamento de campo e de elaboração de diagramas vetoriais, busca-se descrever as escalas nela(s) implicadas (local, urbana, regional e metropolitana) e os fluxos (de pessoas, de ideias, de ritmos, de narrativas, hábitos e condutas), que atravessam, arrastam, operam e dão sentido a cada territorialidade cultural.

Entendendo que o que prevalece, em última instância, em dar sentido prático a cada territorialidade cultural é justamente a rede de interligações e interações, horizontal, sincrônica, seus vínculos e relações constituintes, atuais e em potência, a terceira etapa da pesquisa prevê, portanto, captar quais seriam as interações entre/em cada territorialidade, observando a troca de informações e seus ritos atribuídos tanto operacional/cotidiano, constante/perene quanto transitório/efêmero e verificar quais seriam seus arranjos e lógicas, e a que escalas se referem e onde estão.

Para isto, de acordo com aquele plano de trabalho, as atividades previstas se deram como segue:

—— Organização e revisão dos dados recolhidos e analisados na 1ª etapa após verificação por parte do CSCLSesc.

—— Realização de visitas em campo utilizando a metodologia de tipo etnográfico, para entender e descrever alguns fenômenos sociais (fluxos, ocorrências, dinâmicas e permanências) inerentes essas territorialidades, mostrando-se necessária a investigação de parte da vida cotidiana atual que as povoam.

—— Sistematização dos dados coletados a partir dos relatos de campo e fotografias, que deram subsídio para as representações gráficas.

—— Mapeamento, sem distinção de importâncias e hierarquias, das forças e interações reconhecidas por parte do GPEC, com intenção de identificar padrões de comportamento.

## metodologia de pesquisa

Em sequência às questões indiciadas pelo trabalho anterior, de mapeamento e contextualização das condições de vida (pessoas e domicílios) e de funcionamento urbano (território) presentes no campo de estudo (fundamentalmente, uma leitura sócio-territorial a partir de dados secundários / CONSTELAÇÕES P2, jun. 2016), o presente relatório, como dito, visa explorar e explicitar por meios textuais e gráficos, conceituais e práticos, o universo das relações que atravessam, permeiam e dão sentido social e político a cada conjunto de territorialidades culturais delimitado. As informações que o alimentam provêm essencialmente de trabalho de campo, que consistiu em encontros e visitas, de convivência e participação, de reuniões e entrevistas, consolidados em relatos produzidos pelos pesquisadores. Estes foram elaborados no confronto com categorias e conceitos antropológicos e urbanísticos, que puderam amadurecer no próprio trabalho desta pesquisa.

Para as incursões a campo, foram previamente definidas três questões centrais, ou três eixos temáticos de observação, que se entenderam estruturantes para o mapeamento, descrição e caracterização do funcionamento das redes de territorialidades culturais identificadas. São elas:

**fluxo e rede** Quem frequenta, de onde vocês vêm, para onde vão, quais outros lugares conhecem? Lugares mais relacionados a determinado gênero, geração, sexualidade, classe social, cor/raça. Preferências sobre tipo de atividades culturais.

**noções de arte e cultura** Tentar identificar as noções de arte e cultura, seu papel no cotidiano, valores e potencialidades que traz consigo no entendimento das pessoas.



**discurso sobre o território e apropriação da paisagem** Entender os valores sobre o território (“periferia”, “quebrada”, nomenclatura dos lugares e o que caracteriza cada um) e saber por que as pessoas estão em determinado lugar. Relações das pessoas como espaço, escolha de lugares para permanecer ou trajetos a percorrer (Por exemplo: uma rua vazia, porque é deserto, alguém não deixa passar por lá? Porque você passa por aqui e não por lá?).

Para orientar e sistematizar a observação, e assim evitar uma dispersão do olhar frente à pluralidade de estímulos durante o trabalho de campo, ter como parâmetro básico a observação de três elementos: **cenário, atores e regras**. Procedimento elaborado pelo antropólogo José Guilherme C. Magnani para orientar e sistematizar a observação, e assim evitar uma dispersão do olhar frente à pluralidade de estímulos durante o trabalho de campo. Embora se incentive a registrar com detalhes o contexto delimitado, as observações devem se nortear pelos objetivos e questões gerais anteriormente delineados.

**cenário** “O cenário não é, nesta perspectiva, um conjunto de elementos físicos, nem deve sugerir a idéia de um “palco” que os atores encontram já montado para o desempenho de seus papéis. Aqui, é entendido como produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais - favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção - a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores”. (MAGNANI, 1996. Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana.)

**atores** “(...) trata-se de detectar tipos, construir categorias, determinar comportamentos - agrupando, separando, classificando. (...) Se a observação direta é o instrumento para captar o cenário e também para obter um primeiro levantamento dos atores, uma classificação mais precisa e a obtenção de dados e informações mais completos fazem-se por meio de entrevistas, questionários e histórias de vida.” (MAGNANI, 2000)

**regras** “As regras ou script constituem a etapa final desta primeira fase da análise: os atores, naquele cenário, seguem um roteiro. São essas regras que dão significado ao comportamento e através delas é possível determinar as regularidades, descobrir as lógicas, perceber as transgressões, os novos significados. Identificar os movimentos, os fluxos e as diferentes formas de apropriação, no universo de significado dos atores é o primeiro passo para se chegar a padrões mais gerais, responsáveis pela compreensão dos comportamentos articulados a outras instâncias e domínios da vida social, mais amplos.” (MAGNANI, 2000)

Por fim, gostaríamos de reforçar que este trabalho não pretende realizar um retrato de toda a rede de atores que operam na região estudada, pesquisa que exigiria tempo e recurso muito mais extensos do que os mobilizados nesta ocasião. O objetivo principal desta pesquisa é compreender **as lógicas de funcionamento** da rede de atores e produtores do Campo Limpo, representando-a graficamente e descrevendo-a textualmente. (MAGNANI, 2000)

---

## DESCRIÇÃO DAS VISITAS DE CAMPO

### **festa julina chico city - 02 de julho - 17h às 22h**

Realizado pelo ponto de cultura Bloco do Beco, ONG que propõe o aprendizado de jovens e crianças através da arte e da cultura, a festa tomou a rua Benedito Arruda Vianna, onde se encontra um dos três espaços sede do bloco. O evento foi composto principalmente por moradores da região e frequentadores do bloco, com comidas típicas, quadrilha e música ao vivo.

### **sarau da ponte pra cá - 04 de julho - 18h às 22h**

O sarau aconteceu na Praça do Campo Limpo próxima as quadras e mesas, onde já estava montado o som. As pessoas podiam optar entre os colchões dispostos no chão ou observar o evento de pé. Dentre as árvores acontecia uma exposição de fotografia enquanto ocorriam apresentações de teatro, declamações de poesia e se oferecia o microfone ao público. A maioria das pessoas que falou no microfone tratou de temas do cotidiano, como empoderamento da mulher negra, a marginalização do negro e periférico, a violência policial e sobre a cultura do estupro, entre outros. Aconteceram também apresentações de música e do Maracatu Ouro do Congo, lançamento de um livro, além de grafites sendo feitos nas mesas próximas e venda de acarajé.



**foto** encerramento do sarau com show de artista local.

Por Marina Dahmer.



**foto** preparativos do Sarau: exposição de fotos e teste de som.

Por Marina Dahmer.

## festival percurso - 23 de julho - 9h às 23h

O festival foi uma produção do banco comunitário e da União Popular de Mulheres e foi realizado na Praça do Campo Limpo. Lá aconteceram diversas apresentações e intervenções artísticas como circo, oficinas, manifestações e exposições, ocupando diferentes áreas da praça. Um palco principal foi montado em um patamar já existente na praça para diversos shows que aconteceram o dia todo. Em algumas ruas próximas estavam montadas várias barracas de artesanato, roupas e comidas que formavam a feira de economia solidária. O público foi bem diverso e pela dimensão do evento estavam sempre em circulação entre as atrações disponíveis.

**foto** apresentação circense durante festival. . Por Pedro Sales.



**foto** barracas das diversas entidades participantes. Por Pedro Sales.



## inauguração ateliê cendira - 13 de agosto - 13h as 20h

Tratava-se da inauguração de um espaço de ateliê, uma casa que acabavam de ser premiadas pelo Vai [Programa para Valorização de Iniciativas Culturais]. A intenção deste ateliê é produzir e ensinar práticas de costura e culinária com intuito de repensar a produção e consumo para serem mais sustentáveis e ao alcance popular. A inauguração se deu com venda de roupas usadas (brechó), o preparo de comidas vegetariana e oficina de horta vertical.





**foto** aula para a construção de horta vertical na área externa do Ateliê Cendira. Por Felipe do Amaral.



**foto** almoço natural preparado pelo coletivo Cendira. Por Lucas Rodriguez.

## **aniversário de 6 anos do maracatu ouro do congo - 20 de agosto - 15h às 23h**

O evento foi sediado no CITA (Cantinho de Integração de Todas as Artes), espaço da Subprefeitura do Campo Limpo na Rua Aroldo de Azevedo, próximo a praça do Campo Limpo. Abriga e é mantido por diversos grupos culturais, inclusive as oficinas e ensaios do maracatu Ouro do Congo. Dali saiu o cortejo do maracatu pelas ruas próximas até a praça, onde se manteve por algum tempo tocando maracatu, retornando depois ao espaço do CITA, onde aconteceu uma apresentação do grupo de capoeira Irmãos Guerreiros, com feijoada, comes e bebes.



**foto** maracatu alegrando  
a Praça Campo Limpo..  
Fabio Mosaner.

## **quebrada de coco com grupo candearte e baque atitude - 27 agosto - 15h às 23h**

O evento aconteceu no Espaço Comunidade, um centro cultural independente periférico gerido por coletivos de cultura da região - o Quebrada de Coco é um desses coletivos. O Espaço Comunidade é uma casa em meio a um bairro residencial no Bairro Monte Azul. O evento se deu no segundo piso deste espaço, onde estavam servindo feijoada e bebidas, para contribuir financeiramente o local e as pessoas que lá estavam. Diferentes coletivos se juntaram durante grande tempo em uma roda de música na laje, e ao entardecer houve um cortejo pelas ruas próximas da



comunidade, do Baque Atitude e ao retornarem ao Espaço Comunidade aconteceu a apresentação Quebrada de Coco.



**foto** cortejo do Baque Atitude ocupando as vielas interagindo com seus moradores. Por Marília Serra.

## quilombo cultural ybira samba - 28 de agosto - 15h às 20h

O evento foi sediado no CITA (Cantinho de Integração de Todas as Artes), espaço da Subprefeitura do Campo Limpo na Rua Aroldo de Azevedo, próximo a praça do Campo Limpo. Abriga e é mantido por diversos grupos culturais, inclusive as oficinas e ensaios do maracatu Ouro do



Congo. Dali saiu o cortejo do maracatu pelas ruas próximas até a praça, onde se manteve por algum tempo tocando maracatu, retornando depois ao espaço do CITA, onde aconteceu uma apresentação do grupo de capoeira Irmãos Guerreiros, com feijoada, comes e bebes.

**foto** público aproveitando em pé o som dos sambistas.. Por Marina Dahmer.

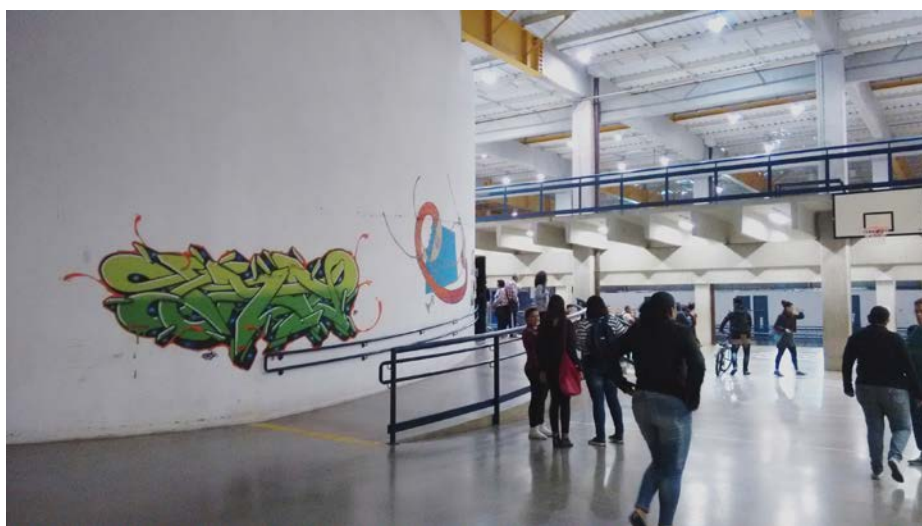


**foto** Organizador falando sobre o Ybira Samba e apresentando os músicos. Por Marina Dahmer.



# sarau do binho - 29 de agosto - 19h30 às 22h

Evento realizado no CEU Capão Redondo, onde ocorrem aulas no período do evento. As portas estavam abertas e tinha um movimento considerável nas quadras, onde jovens se encontravam para ouvir música. Próximo dali localizava-se, o auditório, onde acontecia o sarau. O local, que abriga aproximadamente 200 pessoas, estava cheio. A maioria dos participantes eram conhecidos e já tinham ligações com o Binho, porém alguns alunos do CEU também participaram e assistiram. Aconteceram declamações de poemas, apresentações de músicas, dança e stand-up, todos abordando questões de opressão de vários âmbitos.



**foto** CEU Capão Redondo durante o intervalo das aulas do período noturno. Por Pedro Norberto.



**foto** apresentação de dança de aluno do CEU. Pedro Norberto.

## cieja campo limpo - 30 de agosto - 8h40 às 11h40

Este dia foi caracterizado mais como uma visita de reconhecimento do espaço, onde nenhum evento marcado estava sendo realizado. A visita se deu para conhecer tanto o espaço do CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) como a proposta deste, que é considerada modelo. A escola que tem objetivos claros de dialogar com a comunidade e de ser algo diferente da rede escolar vigente, onde recebem diversos alunos que procuram um ensino mais libertário, tanto quanto alunos com deficiências que precisam de uma educação diferenciada, com o objetivo de fortalecer a autonomia dos estudantes. Foi apresentado o espaço e suas edificações, estas alugadas pela prefeitura de onde recebe a verba para a maioria das ações, outras são de parcerias com a comunidade local.

**foto** intervenção dos próprios alunos no pátio.  
Por Pedro Norberto.



**foto** conexões entre as duas casas que compõem o Cieja. Por Pedro Norberto.





# vivendo e convivendo com povos: os indígenas - cieja campo limpo - 31 de agosto - 12h as 21h

O IV encontro CIEJA - Campo Limpo se deu com uma programação cheia por várias partes da escola, tiveram rodas de conversas indígenas, oficinas, venda de artesanatos, culinária, pintura corporal, dança e celebração indígena. A programação se estendeu pelo dia inteiro com almoço, lanche e jantar disponível pra quem aparecesse, como já é prática comum da escola. O espaço estava repleto de representantes indígenas, de estudantes e de pessoas interessadas. Uma boa oportunidade de discussão com a comunidade sobre questões do cidadão indígena, principalmente no contexto urbano.

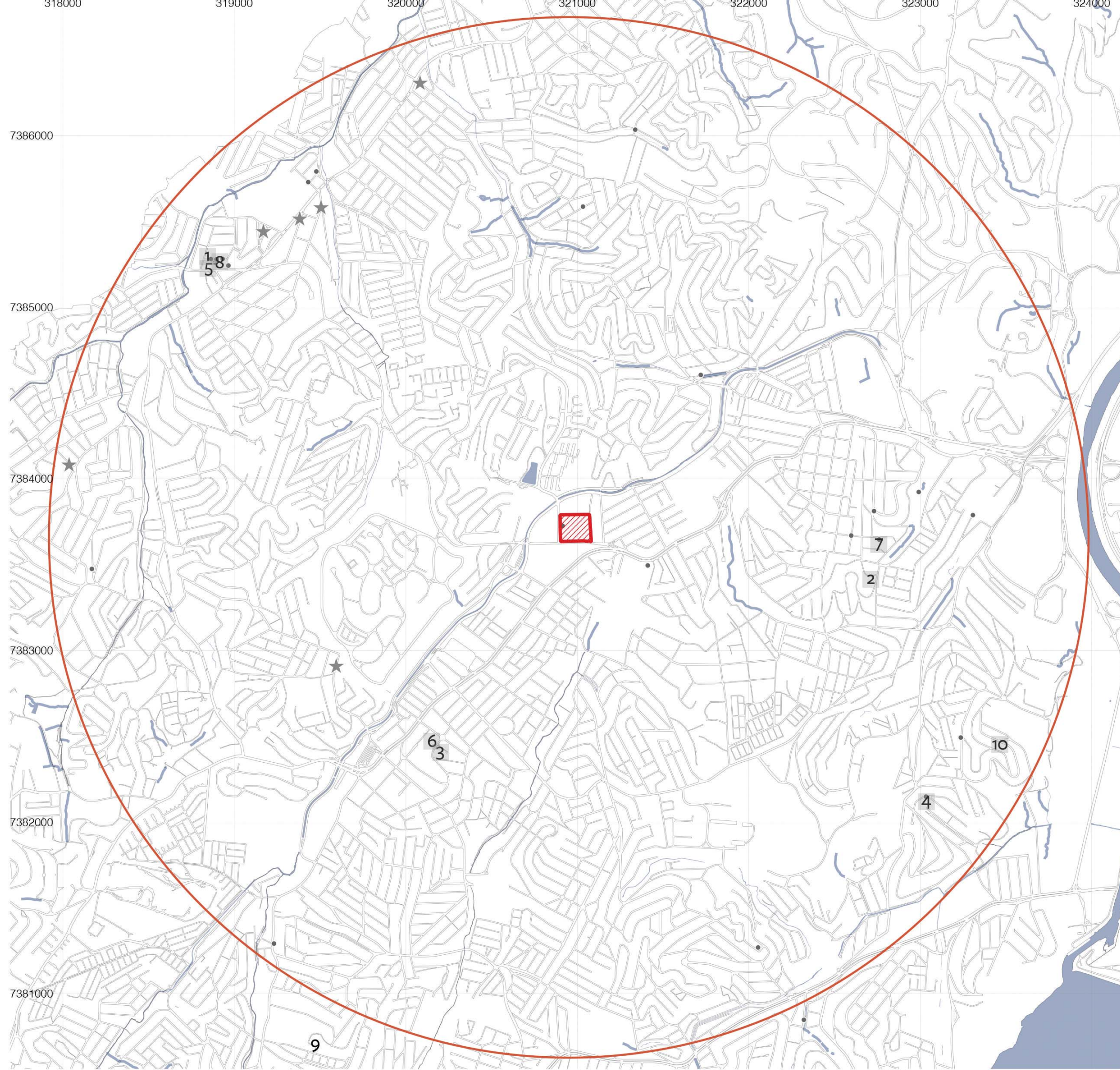


**foto** exposição e venda de produtos confeccionados pelas tribos. Por Fabio Mosaner.









**foto** teatro de sombra.. Por Fabio Mosaner.





## Legenda

-  Campo Preliminar de Estudo (3km)
-  Hidrografia
-  SESC Campo Limpo
-  Quadra Viaria
-  Espaços Identificados pela Pesquisa
-  Eventos Identificados pela Pesquisa

## Visitas a Campo

- 1 Maracatú Ouro do Congo - CITA
- 2 Ateliê Cendira
- 3 CIEJA Campo Limpo
- 4 Festa Julina Chico City
- 5 Festival Percurso
- 6 IV Encontro Indígena no CIEJA
- 7 Quebrada de Coco - Espaço Comunidade
- 8 Sarau da Ponte pra Cá
- 9 Sarau do Binho - CEU Capão Redondo
- 10 Ybira Samba - Bloco do Beco

N  
|

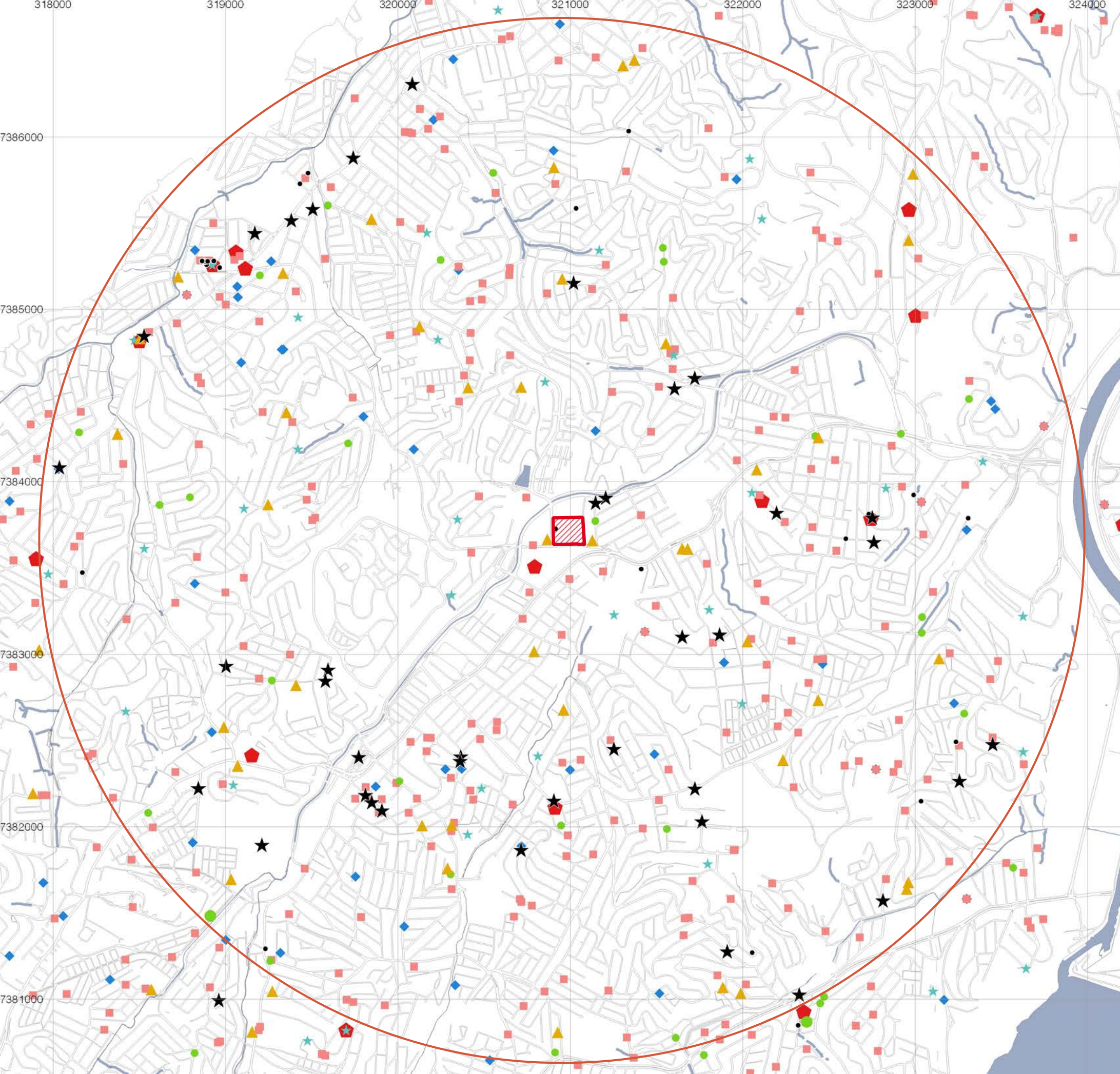
0 500 1000 m

## Localização das Visitas

## Cartografia das Territorialidades Culturais

Data: 13/09/2016  
Fonte: PMSP: SMC 2013 ; SMDU, 2014;





## Legenda

○ Campo Preliminar de Estudo (3km)

▨ SESC Campo Limpo

— Hidrografia

□ Quadra Viária

## Territorialidades Culturais

★ Espaços id. pela Pesquisa e SP Cultura

• Eventos id. pela Pesquisa

## Equipamentos

◆ Assistência Social

▨ Cultura

■ Educação

● Feiras | Sacolão

▲ Saúde

N

0 500 1000 m

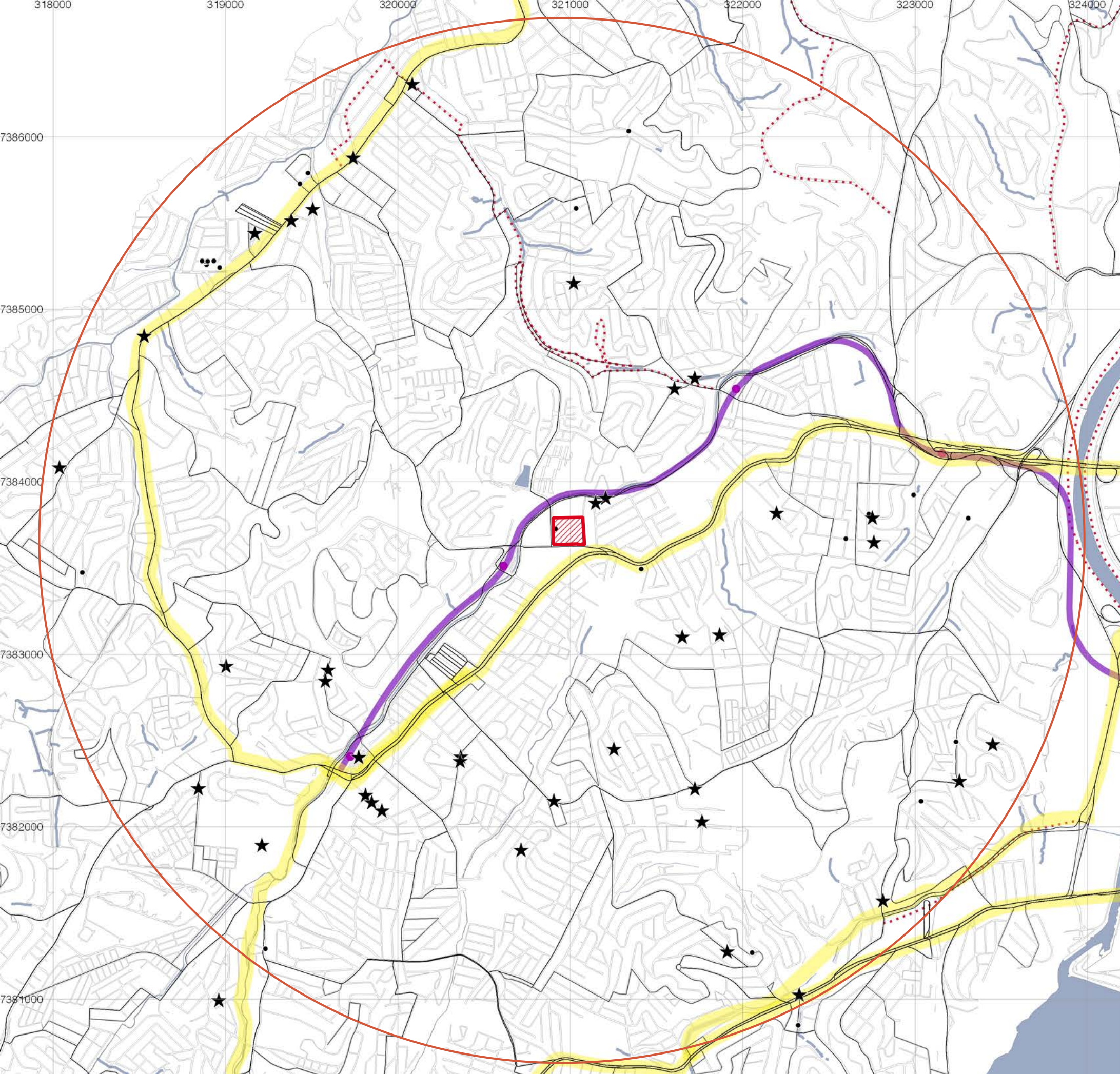
**Territorialidades Culturais +  
Equipamentos**

**Cartografia das Territorialidades  
Culturais**

Data: 09/08/2016

Fonte: PMSP: SMC, 2013; SEHAB; SMDU, 2014;





## Legenda

- Campo Preliminar de Estudo (3km)
  - ▨ SESC Campo Limpo
  - Hidrografia
  - Quadra Viária
- ### Territorialidades Culturais
- ★ Espaços id. pela Pesquisa e SP Cultura
  - Eventos id. pela Pesquisa
- ### Transporte Público
- Estação METRÔ I CPTM
  - Terminal de ônibus
  - Linha METRÔ I CPTM
  - Corredor de ônibus
  - Linha de ônibus
  - ... Ciclovía

N

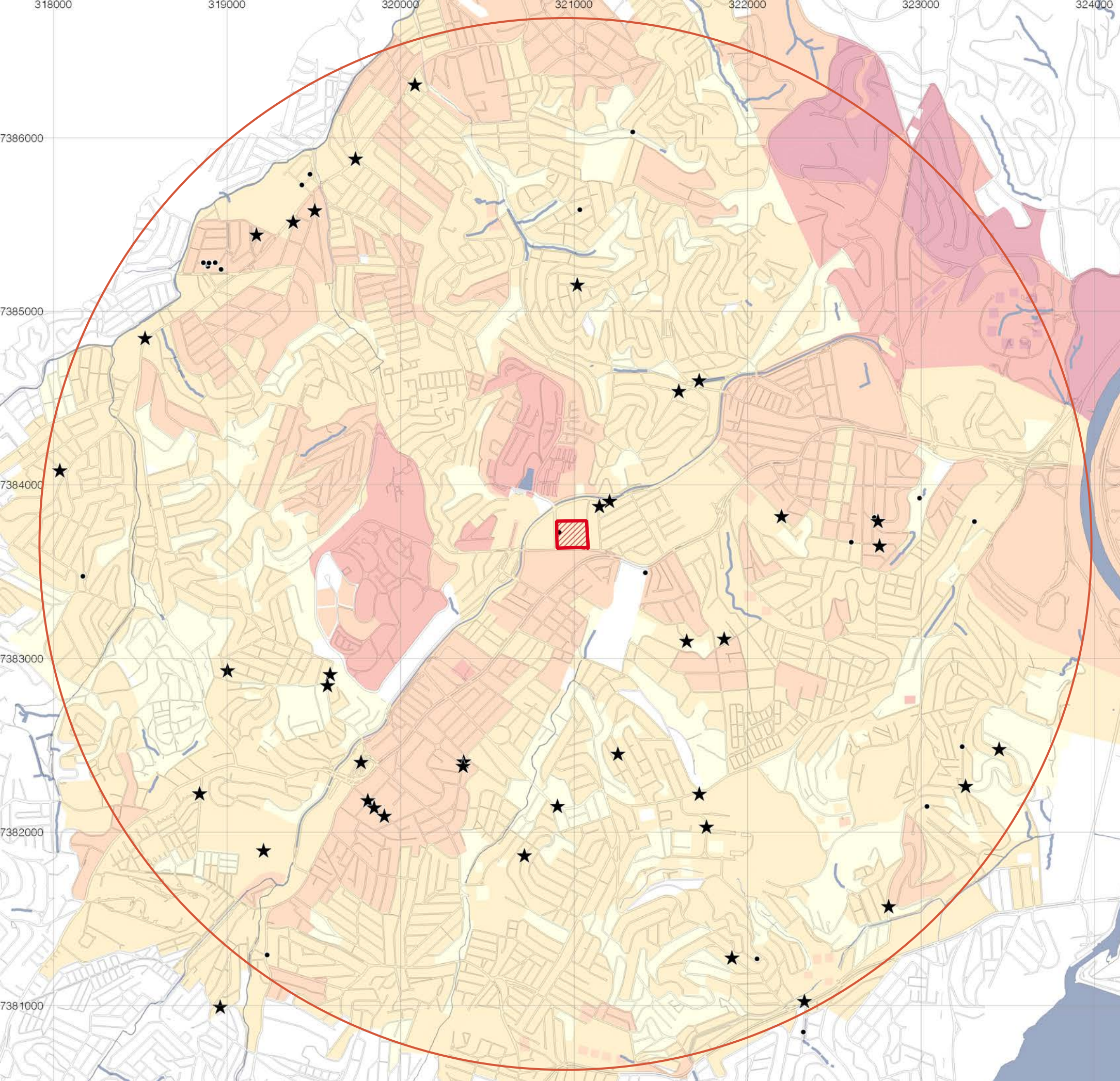
0 500 1000 m

**Territorialidades Culturais +  
Transporte Público**

**Cartografia das Territorialidades  
Culturais**

Data:09/08/2016  
Fonte: PMSP: SMC, 2013; SEHAB; SMDU,2014;





## Legenda

○ Campo Preliminar de Estudo (3km)

▨ SESC Campo Limpo

— Hidrografia

□ Quadra Viaria

## Territorialidades Culturais

★ Espaços id. pela Pesquisa e SP Cultura

• Eventos id. pela Pesquisa

## Rendimento (por sal. mínimo)

0.0 - 3.0

3.0 - 5.0

5.0 - 10.0

10.0 - 20.0

> 20.0

N

0 500 1000 m

**Territorialidades Culturais +  
Rendimento Domiciliar**

**Cartografia das Territorialidades  
Culturais**

Data:09/08/2016

Fonte: PMSP: SMC, 2013; SEHAB; SMDU,2014;  
Censo IBGE 2010



## breve digressão

Se, teoricamente, a noção de rede é de absoluta e inequívoca pertinência à descrição e interpretação da sociedade (e da cidade) contemporânea, particularmente no caso dos distritos do Campo Limpo e do Capão Redondo (focos principais do presente estudo), rede é evidência empírica de modos de vida e das relações econômicas e políticas, sociais e culturais que re-unem, regem e fazem funcionar as lógicas identitárias e colaborativas de grande parte da população moradora daqueles distritos. A flexibilidade, a historicidade e a complexidade, constituintes da rede de Latour encontram um sentido específico, produtivo e positivo, quando confrontadas com o universo de resistência (à violência, à exclusão, ao esquecimento), e de busca de reconhecimento próprio à periferia sul da cidade.

Entendendo que este não seria lugar mais apropriado para se revisitar o processo de construção e desenvolvimento do movimento de resistência e valorização da periferia (assunto tratado entre outros, de forma mais ou menos ideológica, menos ou mais “científica” ou “prático-participativa”, por estudiosos e ativistas como DUARTE (2016), MAGNANI (2000), TURRIANI et. al. (s/d), para ficar nos mais “próximos”), não se pode deixar de circunstanciar, mesmo que de modo sumário e indicial, as características da formação e fortalecimento dos movimentos sociais e redes solidárias e culturais de resistência no Campo Limpo e Capão Redondo.

Resultante das lutas por melhores condições de vida (COHAB, melhoria viárias, canalização de córregos, construção de escolas e centros poliesportivos) em um contexto de expansão e adensamento da periferia (sobretudo zonas Leste e Sul) dos anos 1970 e 1980, os movimentos culturais dos anos 1990, teriam inovado formas de resistência com uma produção artística e política voltada para “dentro”, mediante a articulação de pessoas, coletivos e projetos autônomos, mas colaborativos, propositivos e exemplares, multiplicadores.

De modo geral, ligados à cultura periférica, ou melhor, à produção cultural das periferias da cidade, os projetos que alimentam tais redes “*não estão inseridos nas grandes universidades, não estão ligados aos centros de poder*” e, principalmente, são tocados “*por moradores de bairros da periferia, atendidos precariamente pelos aparatos públicos, seja [sic] ligados à cultura, educação, transporte*”.

Dá a importância da valorização da linguagem e da cultura cotidiana, urbana, marginal”, assim como do artista periférico, “*expondo suas esquetes, sua poesia, sua música (sobretudo samba e maracatu) em construção, trabalhando o medo, a vergonha, a sua experiência em viver das artes, suas maneiras de ver o mundo*”.

1. DUARTE, op.cit.

E também da consolidação dos modos de organização colaborativa, solidária, de apoio mútuo.

## fluxo e rede

Na etapa anterior identificamos quatro agrupamentos de espaços culturais - Campo Limpo, Capão, Jardim São Luiz e Jardim Monte Azul. A partir do mapeamento de Territorialidades Culturais realizado na última etapa, ampliamos a identificação dos Espaços e Eventos a partir de pesquisa em redes sociais digitais e blogs na internet. Criamos um perfil na rede social Facebook para fazer este tipo de sondagem, onde agregamos os eventos, instituições e espaços ligados à cultura do Campo Limpo, Capão e Jardim São Luiz. Assim, nos dividimos em quatro equipes para a realização das visitas de campo. Com base nas visitas de campo, percebemos que o Jardim Monte Azul muitas vezes era entendido por seus habitantes como parte Jardim São Luiz. Ainda assim, consideramos o Jardim Monte Azul como distinto do Jardim São Luiz.

Das diversas redes que operam no Campo Limpo (rede de escolas, rede de instituições de saúde, redes ligadas a religiões, etc.), a rede abordada nesta pesquisa se distingue por ser uma rede de produtores culturais que trabalham para o fortalecimento de uma identidade cultural própria local (Campo Limpo, Capão e Jardim São Luiz), com objetivo de fortalecer e retornar benefícios àquelas comunidades. Portanto, os produtores culturais do Campo limpo serão nossos pontos de partida para o entendimento dessa rede.

Fazem parte desta rede tanto o evento Festival Percurso, que aglutina diversas iniciativas e manifestações culturais, como o Ateliê Cendira, espaço aberto por iniciativa de duas mulheres em imóvel próprio subutilizado com intuito de repensar a produção e consumo para serem, segundo suas fundadoras, mais sustentáveis e ao alcance popular. O que conecta essas iniciativas é a ideia de valorizar a cultura local. No

primeiro caso, no sentido de ter uma identidade própria, distinguindo-se da cultura “do outro lado do rio” (o centro da cidade). No segundo, o de reforçar a capacidade (e afirmar o direito) de produzir manifestações culturais que antes existiam apenas “do outro lado do rio”, e que agora se manifesta também no Campo Limpo. As fundadoras do espaço citaram iniciativas de brechós de venda de produção própria de roupas e alimentos orgânicos encontrados nos bairros Vila Madalena e Pinheiros: “Aqui também temos isto”.

Outro aspecto importante observado é que esta rede, apesar de ter em sua configuração instituições e agremiações, tem seus vínculos mais importantes formados por relações e iniciativas individuais. A caracterização em instituições é necessária para facilitar parcerias, especialmente aquelas com o poder público e outros espaços mais formalizados, por isto formam-se grupos, até para os indivíduos afirmarem-se como parte de alguma iniciativa cultural, no entanto, nesta rede os vínculos individuais mostram-se mais importantes que as instituições.

Uma evidência do que move as conexões dessa rede foi o relato de uma visita ao Espaço Comunidade:

*“A maioria das pessoas já se conhecia e era uma relação de música entre amigos, todos envolvidos com questões de produção cultural, alguns envolvidos com o Espaço Comunidade, outro grupo envolvido com o Candearte (que tem uma sede de ‘produção cultural’ no Taboão) e o grupo do Baque Atitude”.<sup>2</sup>*

2. Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016.

Para nossos interlocutores, a atuação em rede é óbvia, gerando estranhamento pensar que haveria outra forma de se articular. A rede é produzida de forma consciente o tempo inteiro, como forma estratégica de se colocar - é através da rede que se garante legitimidade das iniciativas culturais e também se divulgam eventos e se chama o público.

O Caso do CIEJA Campo Limpo se mostrou exemplar para observar diversos aspectos a respeito da rede no Campo Limpo. O primeiro deles é ao modo como diferentes redes podem se relacionar. A escola faz parte de uma rede institucional de escolas de ensino para jovens e adultos, e de uma rede mais ampla de educação pública no bairro, ligando-se com a rede estadual de ensino. Somando-se a estas redes, a diretora e os professores dessa escola se interligaram fortemente com a rede de relações locais do bairro que, como vimos, foi e é constituída principalmente por compromissos firmados entre pessoas. A diferença qualitativa do CIEJA em comparação com outras escolas públicas da região é evidente, tanto para o visitante quanto para os professores novatos, segundo eles próprios. Mas por que esta escola é tão diferente?

Primeiramente, pela prática de uma escola onde o espaço para o diálogo é efetivamente aberto. Isto se dá com as aulas em torno de temas, juntando português com teatro, ou física com artes, em aulas onde os alunos têm liberdade de entrar e sair.

Depois pelas conexões com os grupos locais e o trânsito das pessoas entre os grupos e instituições:

*“Kátia (professora do CIEJA) menciona alguns dos grupos com quem tem contato quais listamos aqui: Brava; Companhia de Teatro Nós Mulheres da Periferia, **da qual Kátia é integrante**; Projeto Criar do Tv.Doc; Projeto Plano de Menina; Cursinho Popular. Ao comentar cada um, se levantou para pegar de alguns panfletos/documentos impressos/revistas deles. Mostrou-nos uma das mulheres negras da zona sul e a Revista Guará, da qual aquela edição tinha o título de “A História da Luta pela Moradia”.<sup>3</sup>*

3. Relato de Campo, Equipe Escola da Cidade, 2016.

No evento **Vivendo e Convivendo com Povos: os Indígenas - CIEJA Campo Limpo**, tivemos oportunidade de observar a amplitude destas redes. É significativo que no Dia do indígena, no lugar de falas de estudiosos, os próprios índios foram convidados a falar e produzir a festa. Lá estavam lideranças de nove linhagens indígenas diferentes, que venham de longe, como dos estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia, como de locais próximos, como Pico do Jaraguá e Guarulhos<sup>4</sup>.

Por outro lado, é exemplar (nos dois sentidos mais usuais do termo, modelo e lição), um dos principais motivos que torna o CIEJA diferente das outras escolas: seu corpo docente e direção foram além da rede institucional ao incorporar a rede local, com muita habilidade, através de construção de vínculos individuais /pessoais (compromisso firmado entre pessoas) com a diversidade de atores do bairro. De fato, os professores conseguem mobilizar uma rede de parcerias enorme (incluindo posto de saúde, metrô) com muita permeabilidade na região. Nesse contexto, o vínculo com os produtores culturais cumpre papel importante. Assim, como primeira e mais importante estratégia de abertura para as redes, foi a atitude de deixar abertas, tanto o portão de entrada como as portas das salas de aula, em todo o período de funcionamento da escola.

*“A escola abre às 9 e fecha às 22, e é literalmente aberta; todos saem e entram a hora que quiserem, sem necessidade de identificação. Mas esta liberdade foi longamente construída, não sem tensões e disputas.”<sup>5</sup>*

4. “Era dia de festa, o IV encontro indígena do CIEJA Campo Limpo [...] no CIEJA foi criado o dia do negro e do indígena em dias separados, pois as lutas por inclusão do negro e do indígena estão em estágios bem diferentes. Segundo dona Eda (diretora do CIEJA-CL), a luta pelo direito de igualdade dos negros está mais avançada em comparação com a dos indígenas. Ela lembrou o fato de muitas pessoas acreditarem que não existem mais indígenas no Brasil [...]. Por isso trazem representantes de comunidades indígenas para esta festa, para eles falarem sobre

# espaços, eventos, coletivos

si próprios e mostram que existem, o que fazem e como vivem. Chamou minha atenção uma dramatização que consistia em uma senhora que se dizia índia, no centro de uma roda de pessoas (alunos com deficiência intelectual), que gritavam os preconceitos correntes (falas escolhidas pelo grupo): “Índio é vagabundo”; “Índio não trabalha”. **Esta mulher é aluna do CIEJA e só lá, depois de algum tempo, admitiu-se índia fora de sua própria tribo natal.**

5. Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016.

Na etapa anterior iniciamos nosso mapeamento por dois tipos de pontos de rede: **Espaços** e **Eventos**. Nos **Espaços**, identificamos os lugares que ocorrem atividades culturais. Estes lugares podem ser tanto praças públicas, como a praça do Campo Limpo; instituições que abrem suas portas para eventos culturais, como o CIEJA Campo Limpo e os CEUS; ou espaços abertos a partir de iniciativas de pessoas da comunidade, como o Bloco do Beco ou Espaço Comunidade. Nos **Eventos**, identificamos os eventos culturais realizados na região, como o Festival Percurso ou os Sarais.

Nesta etapa incluímos uma terceira categoria que denominamos **Coletivos**. Os coletivos são atores que se caracterizam por serem associações de pessoas que se identificam com algum objetivo em comum ou uma causa, mas não são instituições formalizadas nem possuem espaço próprio (se tiverem sede, são identificados nesta pesquisa como **Espaços**), tão pouco produzem eventos com o seu nome, mas se mostraram muito presentes tanto no eventos como nos espaços pesquisados. Exemplos dos coletivos são o Território do Povo, Fala Guerreira e RUA - Juventude Anticapitalista. Muitas pessoas que fazem parte desses **Coletivos** têm relações ou também fazem parte dos espaços e eventos pesquisados.

Para efeitos de classificação e cruzamento (etapa posterior deste estudo, denominada GRID), pode-se tentar individualizar os modos e tipos de organização coletiva a partir das seguintes definições:

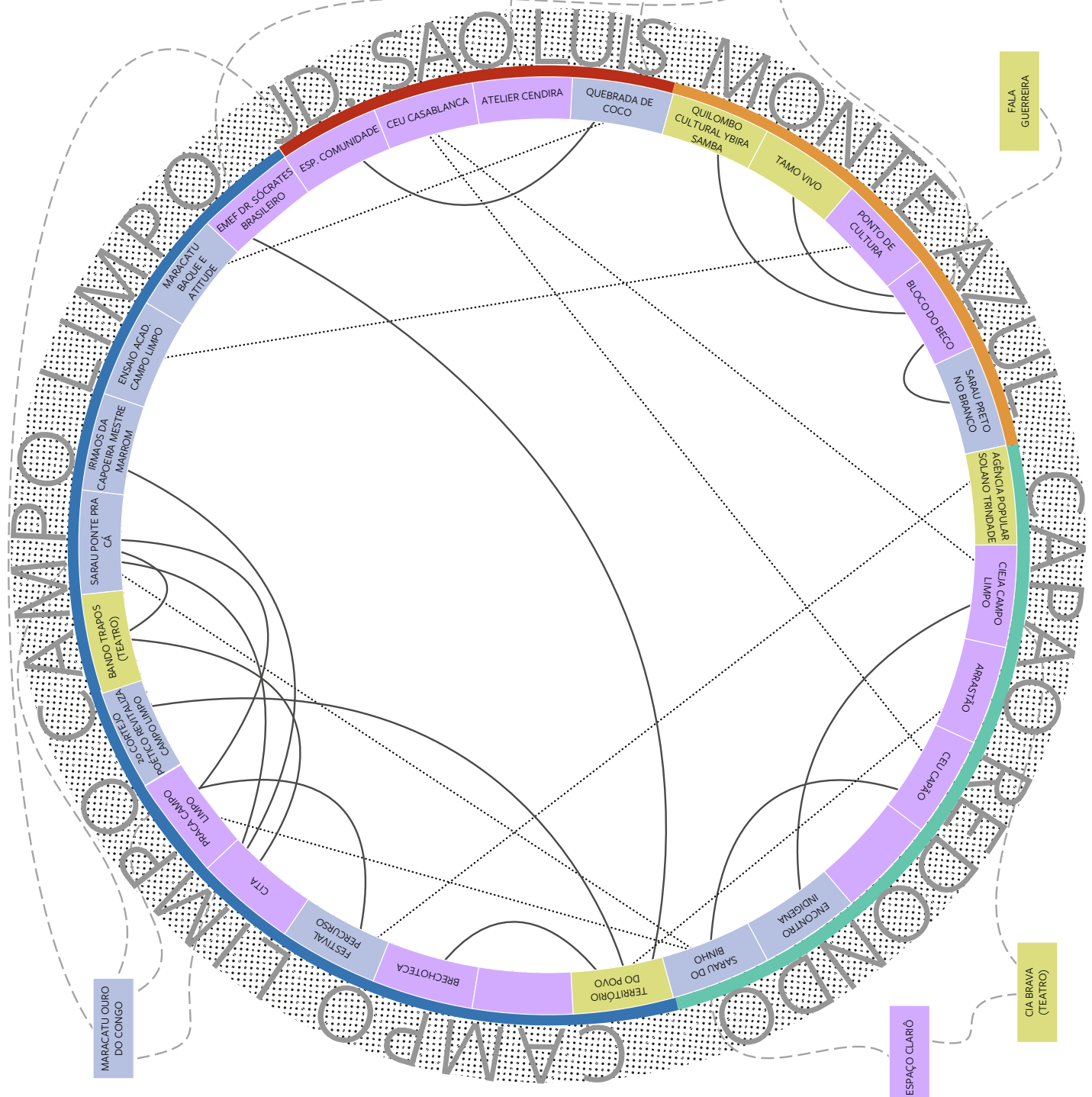
- as “redes de apoio” como nós espacialmente fixados da rede para elaboração, desenvolvimento, parceria e ajuda mútua nos projetos (fortemente vinculados à atuação cultural de jovens) e para troca de experiências e reflexões (Grupo Clariô de Teatro, Candearte, CITA, União Popular de Mulheres, Sacolão das Artes);
- o “sarau, lugar (itinerante ou não) de apresentação de produção literária, musical, de dança, além de reflexões sobre os conflitos cotidiano e os cuidados da saúde (Sarau do Binho);
- os “coletivo”, associação de pessoas com fins culturais e políticos, de expressão e reivindicação social;
- a “feira” ou “festival”, para reunião de movimentos sociais de economia solidária, de coletivos culturais e de população tradicional (FELIZS, Percurso);
- o “evento”, manifestações ou encontros periódicos e episódicos de reunião, alimentação e apresentação de rodas, cortejos, desfiles, shows musicais (Bloco do Beco, 100% Periferia etc).

# diagrama de redes

O diagrama de redes busca mapear e evidenciar os circuitos através dos quais espaços, eventos e coletivos se interligam e fazem transitar os fluxos culturais, tanto no âmbito interno a cada agrupamento espacial das territorialidades (Campo Limpo, Capão Redondo, Jardim São Luís e Jardim Monte Azul), quanto entre eles e também externamente ao recorte espacial (sobretudo referente ao município de Taboão da Serra). O diagrama sugere, ademais, a prevalência das conexões internas a cada territorialidade cultural, não sem apontar a importância de ligações externas das redes de apoio (União Popular de Mulheres, Espaço Clariô, Cita, Candearte).

## LEGENDA

- Espaços
- Pessoas/ Entidades/ Coletivos
- Eventos
- Conexões fora da área de estudo
- Conexões internas aos agrupamentos identificados
- Conexões entre os agrupamentos identificados



## DIAGRAMA DE REDES

Cartografia das Territorialidades Culturais

Data: 10/09/2016

Fonte: Pesquisa em campo



# noções de arte e cultura

A análise de material colhido nas visitas de campo nos oferece algumas possibilidades para interpretar as noções de arte e cultura vigentes nos círculos sociais investigados por essa pesquisa na região do Sesc Campo Limpo. De maneira geral, é comum entender este território como isolado do Centro de São Paulo, tomando o Rio Pinheiros - e suas pontes - como emblema dessa separação. Essa imagem do rio como elemento que produz a separação se reflete em uma figura de linguagem muito utilizada pelas pessoas com que os pesquisadores entraram em contato: o “lado de cá da ponte” e o “lado de lá da ponte” são figuras que buscam marcar na linguagem não apenas a divisão territorial, mas também estabelecer o lugar de onde se fala.

O “lado de lá”, tomado nesse contexto se refere ao Centro, enquanto o “lado de cá” abrange todo o território mais periférico. A cultura, nesse contexto, se faz entender como um meio de estabelecer conexões (novas “pontes”) entre os dois lados.

Há algumas formas de se compreender o papel da cultura e, especificamente da atividade de produção cultural do “lado de cá da ponte”. Uma delas enxerga a “cultura periférica” como fator que possibilita a transformação social. A cultura, nesse aspecto, engendra não apenas as dimensões estéticas e políticas, mas também uma perspectiva mais material - a produção cultural em muitos casos é vista na chave do trabalho, envolvendo uma profissionalização desses agentes. Nessa acepção, a cultura assume um papel transformador não apenas da sociedade em geral, mas uma possibilidade na lógica do trabalho, através do estabelecimento de uma linguagem e campo simbólico que são próprios da periferia.

A atividade do agente de cultura se torna um passaporte para uma outra situação socioeconômica. O desenvolvimento da “cultura periférica” aparece, nesse sentido, como uma alternativa, principalmente para a juventude, a outras situações de trabalho, mais precárias.

O LP Escolha seu caminho (1992), dos Racionais MC's, apresenta um jogo de imagens de capa e contracapa, fazendo um contraponto entre duas opções de vida a serem escolhidas: de um lado, a imagem associada a armas e ao uso de drogas; e do outro, a livros e ao estudo, ainda com um alerta explícito: “Diga não à violência e as drogas”. Provavelmente, à época em que o álbum foi lançado, o mercado da cultura periférica ainda se fazia incipiente e os Racionais MC's despontavam com uma posição artística



destaque. Porém, é possível notar que hoje essa oportunidade de escolher o caminho da cultura se faz forte, devido a uma ampla organização de agentes institucionalizados, que transcende o território da periferia.



Nesse âmbito, a atividade do articulador cultural, isto é, um agente de bastidores, desponta como uma fonte de renda regular, que garante a permanência do jovem no mercado, e também como uma perspectiva de carreira a ser desenvolvida, que pode levá-lo a outros horizontes, isto é, como uma maneira de jovens da periferia adentrarem o mercado de trabalho com uma perspectiva de oportunidades mais igualitárias em relação ao Centro.

Em artigo, Marta Bergamin busca compreender alguns aspectos do trabalho juvenil a partir da experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade, que busca conquistar novas práticas de trabalho para os jovens mais pobres. Sua hipótese é de que “a conquista de outras formas de entrada e permanência no mercado de trabalho podem levar a um ganho de autonomia. [...] A atuação da Agência Popular de Cultura Solano Trindade pode ser vista como um movimento social que articula uma rede de coletivos de cultura preocupados com as formas de trabalho. [...] A ideia inicial era incentivar os jovens da comunidade a se profissionalizar artisticamente, também em outras atividades da produção cultural e em áreas afins, para uma articulação em rede de coletivos e profissionais da zona sul.”<sup>6</sup>

6. <<http://www.kas.de/wf/doc/16495-1442-5-30.pdf>>

Nesse âmbito, o termo “cultura periférica”, pode ser entendido como um “circuito cultural nas regiões periféricas de São Paulo com características e proposições estéticas próprias, que inclusive transcendem o território circunscrito às margens da cidade, influenciando o repertório cultural de segmentos mais amplos da população.” Ou seja, uma possibilidade de, através da cultura, ascender a um papel social estável.

Em editorial da ONG Ação Educativa, esse caráter da cultura de periferia é colocado a partir de sua capacidade de transformação social:

*“Entendemos que é exatamente a tomada de consciência como produtores, por parte dos artistas e ativistas, que fez surgir um movimento cultural nas periferias de São Paulo. Os moradores tomaram para si a tarefa de construir espaços de produção e fruição cultural em localidades onde, apesar de alguns terem populações com mais de 400 mil pessoas, não existia um equipamento cultural sequer. [...]”*

*Sendo assim, entendemos a cultura não só como um setor do mercado no qual os artistas podem se inserir economicamente, mas também um campo de atuação social e política.”*

7. <<http://www.acao-educativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/10004822-editorial-a-cultura-periferica-e-a-cultura-comum>>

Ao mesmo tempo se observa um outro movimento cultural, que também se mantém na vanguarda contra-hegemônica, mas que se coloca na contramão dessa relação de dependência periferia-centro. Através de uma iniciativa cultural, ele busca levar para a periferia uma oportunidade de fazer circular ali algo que é próprio da cultura vigente no Centro. Num caminho reverso, o que se busca é também uma condição igualitária em relação às práticas culturais do Centro. Trata-se de uma acepção de cultura que realiza a contramão do caminho de corte de classe e almeja uma tradução de valores para um vocabulário possível às condições da periferia.

O Ateliê Cendira é um espaço viabilizado por meio do PROGRAMA VAI - Valorização de Iniciativas Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Aparentemente, o espaço procura reunir linhagens culturais sem forte conexão no mercado cultural: entre outros assuntos, moda e vegetarianismo. Porém, a união se justifica no discurso das fundadoras na medida em que elas afirmam que fazer isso é proporcionar uma forma de realizar na periferia aquilo que é valorizado na cultura do Centro, oferecendo aos participantes das oficinas uma oportunidade de acesso a baixo custo àquele conhecimento. Dessa maneira, procura-se inseri-los no âmbito das discussões sobre permacultura e sustentabilidade, num modo de fazer característico das práticas culturais da periferia.

“Selma Paiva, uma das fundadoras do espaço, é formada em Design de Moda na Universidade Anhembí Morumbi [“do lado de lá da ponte”] e filha de costureira. Possui no seu ateliê - antiga casa de seu pai, que ela “ocupou” - três máquinas de costura profissionais, com as quais produz suas roupas a partir de retalhos industriais de tecidos e assim pretende ensinar outras pessoas a produzir roupas com recursos próprios.”<sup>8</sup>

8. Relato de Campo, Equipe Escola da Cidade, 2016

Portanto, um sistema que também sustenta a relação periferia-centro, porém acessa uma outra lógica de mecanismos para a realização e viabilização, para criar meios de articulação.

Há ainda mais uma acepção de cultura percebida nas visitas. Uma “cultura de resistência”, cuja participação é predominante aos que se identificam como pertencentes a ela e que tem destaque para o fator da cultura enquanto performance artística. Assim, o lugar de fala se constrói a partir de uma noção de pertencimento a uma cadeia cultural que possui força e história. Esta desponta com caráter de performance, na exaltação aos poetas locais e na referência aos familiares e ancestrais e está profundamente ligada a uma formação de identidade cultural própria, e portanto, se conecta fortemente à noção de “cultura periférica”, compondo assim o elemento estético que se faz circular nesse mercado que cruza a ponte em direção ao Centro (e ao mundo).

São concepções diferentes, porém não excludentes, e que muitas vezes se sobrepõem no painel cultural. Ainda porque nessa transição entre modelos, os papéis de produtor de cultura e público (plateia) se misturam: são as mesmas pessoas que assumem os papéis de produtor e público, variando com o evento. Essa duplicidade de papéis é valorizada como forma de aumentar as potencialidades para a cultura na região:

9. <<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/10004822-editorial-a-cultura-periferica-e-a-cultura-comum>>

“O grande desafio é dar a todos a condição de serem consumidores e produtores de cultura e assim poderem contribuir para o repertório da cultura comum, conceito formulado por Raymond Williams.”<sup>9</sup>

Nos espaços culturais, isso se reflete, por exemplo, na separação dos espaços - “palco”, “plateia” e “bastidores”, para utilizar uma imagem de salas de espetáculos, que nesse contexto apresentam uma grande permeabilidade.

“O corredor era o principal lugar de passagem. Além de observar as retiradas dos tambores e das pessoas circulando com bebidas e comidas entre o caixa a sala ‘camarim’, ouvia-se o Jorge (conhecido como ‘Jota’ e líder do maracatu) gritar pelo corredor: ‘A ideia hoje é tocar até sangrar a mão. Vão ficando prontos.’ Não estava ali preocupado em esconder os bastidores.”

Há ainda uma noção de cultura como mercadoria, que é mais difusa, e mais ligada a noção de coisas do dia a dia (a comida, o encontro, os saraus), mas se associa às formas de financiamento/viabilização das práticas culturais. Assim, os produtos são vendidos como uma forma de apoio e financiamento direto dessas iniciativas.

# discursos sobre o território e apropriação da paisagem

As incursões a campo, bem como as análises realizadas nas etapas anteriores, mostraram que há vários sistemas de divisão, classificação e valoração territorial desta região da cidade em estudo. Além da segmentação administrativa, cadastral, provida pelo poder público e mesmo esta é distinta para cada órgão ou esfera administrativa (pense-se no caso dos setores do censo demográfico e das divisões da pesquisa origem e destino), o território reconhecido pelos bairros da região carrega consigo uma história própria e características distintivas e singulares, ou melhor dizendo, configuram territorialidades que se definem por sua localização geográfica, topográfica, no espaço, mas sobretudo, pelas relações que entretêm com outras áreas, outras vizinhanças, outros bairros.

## recortes

28

Os territórios são caracterizados a partir de divisões simbólicas, percebidas ainda na primeira reunião no Sesc Campo Limpo em 11 de junho, que reuniu pesquisadores da Escola da Cidade e produtores culturais locais indicados pelo Sesc. De acordo com os relatos desse dia:

*“Foi feita uma separação rápida e espontânea entre agentes culturais e instituições. Nas palavras de um dos grupos, ficou clara uma cisão entre todos os presentes, que passaram a se identificar como Capão Redondo versus Campo Limpo”*<sup>10</sup>

10. Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016

Além disso, as falas dos participantes evidenciaram ainda mais essa divisão, colocando o Capão Redondo como local de uma produção cultural consolidada (e até por isso, mais reticente à inauguração de uma unidade do Sesc), enquanto o Campo Limpo era visto como local de conflitos entre classes sociais e com uma cena cultural mais incipiente e mais aberta à entrada do Sesc. Chamou a atenção também que no grupo espontaneamente identificado com o Capão, havia uma predominância de coletivos e produtores culturais, enquanto no Campo Limpo os agentes ligados a instituições como Igrejas, Escolas e o Estado eram maioria.

Outro recorte territorial pode ser evidenciado, parcialmente, pela nomeação dos lugares: nesse sentido, por exemplo, o Capão Redondo seria definido como a área que envolve Casa do Zezinho, Cohab Adventista, Vila

Fundão, Jardim Valquíria, atrás da Estação Campo Limpo, Parque Santos Dias, Estação Capão e Terminal Capelinha, recorte que não corresponde a uma continuidade geográfica mais evidente.

Recortes menos definíveis são aqueles relatados a partir de outros referentes. Como por exemplo o estabelecido a partir micro instâncias de poder marginal (ou não). Segue um trecho transcrito da conversa do mesmo dia:

*“[...] um projeto que reúne jovens na faixa de 10 a 12 anos e realiza palestra sobre uso de drogas, na casa das pessoas com cerca de 5 famílias, incluindo pais e filhos. [...]”*

*Segundo a pessoa, traficantes dizem a ele “você dá camisa de marca [pros meninos]? Dá tênis? Então, não venha interferir no nosso trabalho”. Por causa disso, o projeto acontece de maneira “anônima”, com divulgação apenas entre as famílias participantes e de maneira itinerante em diferentes áreas de abrangência do tráfico a cada semana, normalmente próximo a escolas.”<sup>11</sup>*

11. Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016

Outro fator poderoso de definição/apropriação/pertencimento próprio a cada territorialidade é o uso de vestimentas e acessórios. Ainda, outra escala de distinção é a que diz respeito ao que está “dentro” e “fora” do território: na visão mais formal das educadoras, os problemas apontam para um choque cultural entre os alunos vindos da rede particular para a pública, embora, paradoxalmente, aqueles que se encontram “fora” sejam, ao mesmo tempo, os vetores de oportunidades para resolver problemas de “dentro”.

A questão educacional traz também uma outra abordagem, mais abrangente, como por exemplo no caso do CIEJA, que, como Centro de Educação Municipal de Ensino Supletivo (Ciemens), em sua origem seguia a moldes em relação aos quais, a partir das suas indagações, se concluiu que não se adequavam a realidade dos alunos, fosse por trabalho, fosse pela maneira como eram tratados na instituição.

## acesso

Em grande parte das visitas, foi possível perceber estratégias de acolhimento de visitantes. Os espaços físicos, sedes de iniciativas culturais, escolas ou mesmo casas ocupadas por agentes produtores de cultura apresentam características que buscam atrair vizinhos e marcar sua presença no bairro.



**foto** Fabio Mosaner

Alguns espaços são marcados por elementos visuais, como grafites, palavras de ordem e estêncis, que diferenciam as fachadas das demais. Os espaços que já passaram por um processo de formalização institucional ainda podem apresentar *banners* com informações de seus apoiadores, uma logomarca ou a programação do espaço.



**foto** Rebeca Domiciano

12. Ela descreve como a rotatória acumulou lixo de um tempo desde então, e que teve a ideia de tentar fazer algo com ela para não ter mais de lidar com aquilo. Os alunos sugeriram fazer uma horta ali, e como tal descrevera algumas vezes, foi lidar com 'a comodidade do poder público'. Teve de adequar-se a algumas regras, como altura inferior a 2m para não atrapalhar a visibilidade do trânsito, e uma vez resolvido isto foi promovida uma atividade de sala de aula de ELA(Ensaio Lógico e Artístico), que mistura Matemática as Artes, para a medição do perímetro, definição do material e das espécies a serem cultivadas. Eda relatou que já colheram, rúcula, escarola e uma variedade de hortaliças como resultado disto, e que tal local era estratégico por ser visível da linha de metrô. (Relato de Campo, Equipe Escola da Cidade, 2016)

Há também formas de se fazer presente no bairro, a partir da extrapolação do espaço-sede. Alguns casos mostram como isso pode acontecer. Há intervenções mais permanentes, como a transformação da rotatória próxima ao CIEJA em um jardim montado sobre pneus<sup>12</sup>.





Outras ocorrem de forma provisória, durante os eventos culturais:

*“Para “encher” (de gente) a praça (do Campo Limpo), os promotores apostam na apresentação de músicos de diversas vertentes, desde o RAP até o reggae. Portanto são com estes componentes principais — barracas e palco — que o festival reorganiza transitoriamente o espaço da praça.”<sup>13</sup>*

Eventos realizados em locais fechados ou particulares costumam assumir uma postura de “abrir as portas”, como um convite para entrar. Mesmo assim, a entrada nos espaços não passa despercebida - há um processo de transformação desse visitante em alguém “familiar”. E com o familiarizar facilita o reconhecimento do espaço público como seu, diversifica as formas de apropriação e ativa espaços no seu entorno.

31

**foto** Pedro Norberto

13. Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016

**foto** portão de entrada  
do espaço comunidade  
por Marília Serra



Não existe uma preocupação em conter o som produzido por eventos culturais. Em um raio de alguns quarteirões, já era possível ouvir o samba produzido no Bloco do Beco, guiando os interessados pelo som para dentro da casa. Em um evento no Espaço Comunidade, uma roda de samba foi feita dentro da casa, na laje frontal, visível e audível da rua. No ateliê Cendira, durante uma oficina de permacultura, o portão da casa ficou aberto, permitindo a visão da oficina e de uma espécie de vitrine de roupas usadas e produzidas nas oficinas do local.

Essa preocupação em se mostrar para a parte externa dos locais em que os eventos acontecem é percebida também em um tipo de construção discursiva recorrente:

*“O caráter de feira tira partido das ruas “internas”, que, fechadas ao trânsito, alinham barracas e, assim, atraem e orientam o maior fluxo de pessoas, proporcionando encontro e interação[...]. A localização central de duas quadras alambradas secciona este movimento daquele ativado pela música, criando dois ambientes mais ou menos apartados[...]. Isso não impede, pelo contrário, a formação, no espaço da praça propriamente dita, de pequenas concentrações em torno de atrações circenses, poéticas e de formação e debates.[...] Tal descrição parece sugerir uma imagem de espaços e usos desconectados, mas a “internalização” do foco do evento, isso é o fato de este se afastar, dar as costas, para o intenso movimento das avenidas comerciais que ladeiam a praça talvez confira relativa unidade e continuidade espacial a ele: os espaços abertos da praça e das ruas internas se fundem como o espaço do festival.”<sup>14</sup>*

14. Relato de Campo, Equipe Escola da Cidade, 2016

Seguimos rua adentro e quase perdemos a entrada do lugar. Era um portão com barras tubulares marrons, e aparentava a uma distância ser de madeira. Acuados num primeiro momento, entramos junto com um homem que adentrava no momento e que nos disse: “Pode entrar, a porta tá sempre aberta. A secretária é a primeira a direita.”<sup>15</sup>

*Bem próximo ao centro cultural está localizado o Espaço Comunidade, uma casa com os portões abertos e a música chamando a atenção.*<sup>16</sup>

15. Ibid.

*Em uma das ruas que davam nessa rotatória, ouvimos um som alto de samba e seguimos o som para chegar em um muro decorado com estêncil e um banner, encoberto por vegetação, que trazia um*

16. Ibid.



*grande número de nomes de instituições parceiras (Assoc. Cultural Santa Josefina, Programa Vivenda, Casa do Bairro). A pequena passagem (uma porta) para dentro do terreno indicava a palavra Revolução e trazia o número 02 (antigo 30).<sup>17</sup>*

As portas abertas, mais que uma figura de linguagem para demonstrar acolhimento, são uma descrição dos espaços de reunião e produção de cultura. Portas abertas, portões destrancados, visibilidade das atividades e uma ocupação sonora são características comuns, que diluem o limite entre público e privado e criam momentos diversos na experiência que, ao se combinarem entre si, formam os espaços de referência de redes culturais no território.

*“Cheguei sozinha no Espaço Comunidade, uma casa com o portão aberto como convite para entrar, subi as escadas e sentei em uma das mesas na área da cozinha/bar, peguei meu caderno e fiquei desenhando. Como todos ali se conheciam, já sabiam que eu não era dali, mas a Ana, integrante de um dos grupos que iria se apresentar, veio falar comigo perguntando quem eu era e me convidando pra sentar perto dela e participar da roda de samba. Sentada no meio da roda, já todos que chegavam me cumprimentavam como se eu já fizesse parte do grupo dos conhecidos.”<sup>18</sup>*

17. Relato de Campo, Equipe Escola da Cidade, 2016

18. Ibid.

19. Ibid.

Há ainda outra forma de trazer público que são manifestações artísticas em formato de “cortejo”, tipicamente relacionados à cena do maracatu, mas que também podem aparecer com outras manifestações. No cortejo, os participantes saem de um local de referência para realizar um percurso pelas ruas do bairro, carregando um estandarte que os identifique e puxando cantos e batuques. Com isso, de forma itinerante, anunciam sua presença, atraindo alguns participantes para o cortejo e convidando-os para frequentarem o espaço de referência.

*“Às 18:30 saiu o cortejo do Baque atitude pelas ruas, e adentraram a comunidade, grande parte do pessoal que estava no espaço acompanhou o grupo, e as pessoas foram saindo das casas para assistir e poucas para acompanhar. Ocuparam as ruas e as vielas, sem fechar nada mas mudando o ritmo do fluxo desses locais. Ficaram tocando em uma quadra no centro da comunidade por algum tempo, onde apareceram muitas crianças observando e interagindo e depois voltamos às 20:00 pelo mesmo caminho que tínhamos feito até o espaço.”<sup>19</sup>*

Durante o cortejo, o grupo estabelece uma boa relação com os moradores locais, procurando organizar os participantes de modo a permitir a passagem de carros e ônibus. O cortejo e os eventos que expandem seu público são uma boa oportunidade para que os atores estabeleçam novas relações entre si, e, em decorrência, que ampliem a rede de contatos de seus coletivos, espaços e instituições.

*Já o caráter de feira tira partido das ruas “internas”, que, fechadas ao trânsito, alinham barracas e, assim, atraem e orientam o maior fluxo de pessoas, proporcionando encontro e interação[...]. A localização central de duas quadras alambradas secciona este movimento daquele ativado pela música, criando dois ambientes mais ou menos apartados[...]. Isso não impede, pelo contrário, a formação, no espaço da praça propriamente dita, de pequenas concentrações em torno de atrações circenses, poéticas e de formação e debates[...]. Tal descrição parece sugerir uma imagem de espaços e usos desconectados, mas a “internalização” do foco do evento, isso é o fato de este se afastar, dar as costas, para o intenso movimento das avenidas comerciais que ladeiam a praça talvez confira relativa unidade e continuidade espacial a ele: os espaços abertos da praça e das ruas internas se fundem como o espaço do festival.<sup>20</sup>*

20 Relato de Campo,  
Equipe Escola da Cidade,  
2016

---

# CONSIDERAÇÕES GERAIS E APOSTAMENTOS PARA A SEQUÊNCIA DA PESQUISA

**redes e fluxos** A rede abordada nesta pesquisa se distingue por ser uma rede de produtores culturais que trabalham para o fortalecimento de uma identidade cultural própria local, com objetivo de fortalecer e retornar benefícios àquelas comunidades. Outro aspecto importante observado é que esta rede, apesar de ter em sua configuração instituições e agremiações, tem seus vínculos mais importantes formados por relações e iniciativas individuais. Nesta rede, os vínculos individuais mostram-se mais importantes que as instituições.

**noções de arte e cultura** Foram identificados três movimentos de valorização da cultura local. No primeiro caso, no sentido de ter uma identidade própria, distinguindo-se da cultura “do outro lado do rio”. No segundo, o de reforçar a capacidade (e afirmar o direito) de produzir manifestações culturais que antes existiam apenas em locais mais centrais da cidade, e que agora se manifesta também no Campo Limpo. No terceiro, a arte e a cultura aparecem como produto, fazendo com que a “cultura de periferia” se estabeleça como marca e sua atividade de produção cultural surja como possibilidade de caminho profissional.

**discursos sobre o território e apropriação da paisagem** As portas abertas, mais que uma figura de linguagem para demonstrar acolhimento, são uma descrição dos espaços de reunião e produção de cultura, que diluem o limite entre público e privado e criam momentos diversos na experiência que, ao se combinarem entre si, formam os espaços de referência de redes culturais no território. Outra forma de se fazer e ampliar a dimensão coletiva e popular das manifestações culturais periféricas é a ocupação do espaço público de forma periódica (feiras, festivais, shows) e/ou de forma itinerante, como ponto de encontro referência para ampliar e fortalecer as conexões em rede. A produção de arte e cultura apresenta uma relação íntima com o território. Como visto, as estratégias de relacionamento com a vizinhança, bem como as relações que se estabelecem entre bairros e localidades informam a produção cultural. Elas mostram ser importante compreender as concepções sobre o espaço para entender de que forma a “cultura periférica”, da zona sul, ou cada uma das territorialidades que puderam ser identificadas define-se a si mesma.

Apontamentos para as próximas etapas:

Na fase TIPOS, procuraremos identificar, caracterizar e agrupar em séries pertinentes as estruturas morfológicas e/ou estratégias de ocupação da cidade e dos edifícios que, reconhecidas e enunciáveis em termos de geometria, dimensão e uso, constituem o(s) “lugar(es)” de cada territorialidade cultural. Trata-se de configuração (espacial dimensional, geométrica e construtiva) dos lugares (rua, praça, quadra, galpão etc.) onde se dá a produção cultural coletiva, propriamente dita.

A partir das visitas realizadas nesta etapa, conseguimos identificar algumas primeiras regularidades nos espaços que constituem os lugares das territorialidades culturais abordadas e servirão de base para a sequência do trabalho.

Fica proposto, para compor a matriz da futura GRID, definir, além do tipo ou modo de organização coletiva, um modelo, ou critérios para sistematizar a informação colhida nos relatos sobre os três eixos de observação referidos, que pudesse agrupar as redes segundo modos de seu funcionamento.

**nós** pontos territoriais povoados por atividades culturais criativas coletivas. Dependendo de suas características intensivas (duração), extensivas (espaciais) e de natureza, estes podem ser divididas em: permanentes (espaços) e temporários (eventos); abertos e fechados; públicos e privados; sagrados e profanos.

**rede** relação de interação/intercâmbio/interdependência que se estabelece entre um e todos os outros nós de um universo. Seu modo funcionamento pode ser de ordem:

- hierárquica, do tipo árvore ou pirâmide, onde a relação de um ponto de ordem inferior a um superior é de subordinação e dependência;
- rizomática, do tipo a-centrado, onde cada nó pode entrar em contato de troca e interação com qualquer outro, podendo afetar ou incidir em qualquer outro por múltiplas conexões que são estabelecidas a todo o momento, num fluxo constante e itinerante (de desterritorialização e reterritorialização): Sarau do Binho;
- isotrópica, também do tipo não hierárquico, suas propriedades e formas de expansão não variam em função da direção considerada. Exemplo: União das Mulheres.

Parece evidente que tal classificação dependerá do campo de relações considerados, que desde já, para o caso do território em estudo, poderá ser dividido e definido como interno (“prá cá da ponte”) e externo (“prá lá da ponte”).

**canais, fluxos e circuitos** circuito constitui o sistema de canais (matérias e/ou imateriais) através dos quais os nós se relacionam entre si, às mais diversas escalas, operando fluxos das mais diversas ordens e naturezas (musicais, financeiras, literárias, solidárias etc.).

---

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Diego E. S. *Sarau do Binho Vive! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/FFLCH/Departamento de geografia, 2016.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole, in MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da Periferia ao Centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

8

TURRIANI, Anna et al. (org.) *Cartografias da Memória*. Disponível em [https://issuu.com/anitaprades/docs/af\\_completo\\_cartografia\\_issuu](https://issuu.com/anitaprades/docs/af_completo_cartografia_issuu). Acessado em 01/08/2016.

---

# EQUIPE ESCOLA DA CIDADE

**PROFESSORES** Arqº. Pedro M. R. Sales (coordenação)  
Arqº. Fábio F. L. Mosaner

**ALUNOS ESCOLA DA CIDADE** Felipe A. Brunelli, 3º ano  
Lucas B. Rodrigues, 3º ano  
Marília Serra, 5º ano  
Marina D. L. Schiesari, 2º ano  
Marina D. Bagnati, 4º ano  
Pedro Henrique Norberto, 4º ano  
Rebeca D. de Paula, 5º ano  
Stella B. Tamberlini, 4º ano

**CONSULTORES EXTERNOS** **urbanismo** Arqº. Pedro Vada  
**etnografia** Antr. Me. Yuri B. Tambucci  
**supervisão em psicanálise** Anna Turriani





